



VOLUME - V.3

NÚMERO - N.2

DEZ. - 2025

ISSN: 2966-1439

P.236-255

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA OS CORPOS DE MULHERES NA LITERATURA LATINO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA

THE REPRESENTATION OF VIOLENCE AGAINST WOMEN'S BODIES IN CONTEMPORARY LATIN AMERICAN LITERATURE

Ana Gabrielly Almeida dos Santos¹
Rodrigo de Freitas Faqueri Montanholi²

RESUMO: Este estudo tem como objetivo principal analisar diferentes representações de corpos de mulheres, com foco na violência sexual e psicológica, a partir do conto "Leilão", publicado na coletânea *Rinha de Galos*, em 2021, de autoria da equatoriana Maria Fernanda Ampuero, e do romance *Dias perfeitos*, do brasileiro Raphael Montes, publicado em 2014. Nestas narrativas, o leitor se depara com um cenário de brutalidade, opressão e horror contra a figura da mulher. Em ambas as obras, as personagens são vítimas de diversos tipos de violência, em diferentes faixas-etárias, evidenciando que independente do contexto e da idade, as mulheres podem sempre estar sujeitas a sofrer algum tipo de agressão, seja dentro ou fora do ambiente familiar. Por meio deste estudo, será feita uma revisão bibliográfica sobre a história do corpo da mulher ao longo dos anos, além de evidenciar como ocorre essa representação na literatura latino-americana contemporânea. Para isso, serão utilizadas as teorias de Federici (2017) e Barcelos (2024) quanto ao panorama histórico do corpo da mulher; Schøllhammer (2013) quanto à representação da violência na literatura; e Gomes (2013) e Garcia (2018) quanto à violência contra a mulher.

Palavras-chave: Representação do corpo da mulher. Violência contra a mulher. Literatura latino-americana.

¹ Licencianda em Letras - Português do IFSP - Campus Itaquaquecetuba. E-mail: anagabyTBL@gmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor EBTT do IFSP - Campus Itaquaquecetuba. Email: rodrigofaqueri@ifsp.edu.br.

ABSTRACT: This study aims to analyze different representations of women's bodies, focusing on sexual and psychological violence, based on the short story "Auction", published in the collection *Rinha de Galos* in 2021, by Ecuadorian author Maria Fernanda Ampuero, and the novel *Perfect Days* by Brazilian author Raphael Montes, published in 2014. In these narratives, the reader is confronted with a scenario of brutality, oppression, and horror directed at the female figure. In both works, the characters are victims of various types of violence across different age groups, highlighting that regardless of context or age, women are always at risk of experiencing some form of aggression, whether inside or outside the family environment. Through this study, a literature review will be conducted on the historical trajectory of the female body over the years, in addition to highlighting how this representation occurs in contemporary Latin American literature. To this end, the theories of Federici (2017) and Barcelos (2024) will be used regarding the historical panorama of the female body; Schøllhammer (2013) regarding the representation of violence in literature; and Gomes (2013) and Garcia (2018) regarding violence against women.

Keywords: Representation of women's bodies. Violence against women. Latin American Literature.

INTRODUÇÃO

Na obra "Leilão" (2021), da escritora equatoriana Maria Fernanda Ampuero, o leitor se depara com uma protagonista que cresceu com o seu pai, sofrendo violência psicológica dele, além de abuso sexual por meio dos amigos de seu responsável. Dessa forma, a protagonista passou a sua vida inteira com medo, e com uma necessidade de se autoprotger dos homens ao seu redor, por meio de estratégias que ela descobriu que os afastavam e os impediam que a tocassem e a machucassem, tentando recuperar o controle do seu próprio corpo. Simultaneamente, na obra *Dias Perfeitos* (2014), romance brasileiro do escritor Raphael Montes, a trama é cercada por violência, perseguição e medo em torno da paixão obsessiva do protagonista, Téo, por Clarice. A narrativa se passa do ponto de vista do agressor ao se apaixonar perdidamente por Clarice, porém, sua paixão não é recíproca e ele acaba alimentando um desejo incessante em possuir a menina, e a sequestra, fazendo com que ela perca todo o controle de seu corpo e passe por um estado de vulnerabilidade e de precariedade durante todo o romance. Por meio das duas tramas, é possível notar a forte relação entre o corpo da mulher e a violência na literatura latino-americana contemporânea, servindo como uma forma de denunciar os atos violentos que acontecem diariamente, além de ser uma forma de verbalizar a

violência. Tendo em ambas as obras uma representação de como a figura e o corpo feminino são tratados de forma objetificada, não tendo as mulheres como protagonistas de seus próprios corpos, sofrendo diversos tipos de violência que as levam a buscarem mecanismos de defesa e de proteção contra todos os homens ao seu redor.

Dessa forma, serão analisados *Dias Perfeitos* (2014) e “Leilão” (2021), tendo como foco principal a importância da representação do corpo da mulher na contemporaneidade, além de analisar como esses corpos são representados por meio de dois aspectos frequentes na realidade das mulheres latino-americanas: a violência sexual e a violência psicológica, com o objetivo de evidenciar a normalização que há de ambas as violências.

2 O CORPO DA MULHER AO LONGO DA HISTÓRIA

A violência está inserida em todos os agrupamentos sociais, sendo em menor ou maior grau, mas sempre presente de alguma forma. Ela é um dos caminhos mais importantes para que possamos entender a cultura do outro, seus costumes e crenças. Assim como argumenta Karl Schøllhammer (2013, p.103), a violência “é uma chave para entender a cultura e parece ser um dos fundamentos da própria estrutura social” (2013 apud Faqueri, 2024, p. 11). E quando se trata do povo latino-americano, é necessário um olhar que busca entender as raízes dos problemas sociais que permanecem até a atualidade, por se tratar de uma história que foi desenvolvida por meio de muita luta, guerra e violência.

Em países que passaram pela colonização, e posteriormente, pela sua independência, como é o caso do Brasil e do Equador, a violência, de modo geral, se faz presente, principalmente a violência contra o corpo da mulher. Em 2024, de acordo Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (Raseam), lançado pelo Ministério das Mulheres, indica que no Brasil foram registrados 1.450 casos de feminicídios e 71.892 casos de estupro, equivalente a 196 estupros por dia, sendo um dos países com maior índice de violência contra a mulher do mundo. Enquanto no Equador, a La Asociación Latinoamericana para el Desarrollo Alternativo (ALDEA), indica que em 2024, o país registrou 126 casos de feminicídios. Mesmo sendo uma diferença numérica muito grande entre os dois países, as suas extensões territoriais se tornam relevantes, sendo o

Brasil o país com maior extensão territorial da América Latina, e conseqüentemente, tendo um número maior de casos de violência comparado ao Equador. Mesmo que ambos os países tenham passado pelo processo de independência, a figura da mulher e os seus corpos, ainda continuam sendo explorados e tratados como propriedade social.

Para compreender as desigualdades de gênero e a violência contra o corpo da mulher, Federici (2017) acredita que o ponto de partida crucial para a teoria feminista é a transição do sistema feudal para o sistema capitalista:

[...] já que a redefinição das tarefas produtivas e reprodutivas e as relações homem-mulher nesse período, ambas realizadas com máxima violência e intervenção estatal, não deixam dúvidas quanto ao caráter construído dos papéis sexuais na sociedade capitalista (Federici, 2017, p. 30).

Desse modo, desde 1970 a teoria feminista faz uma análise da sexualidade, da procriação e da maternidade, uma vez que os homens por estarem no topo da hierarquia social e possuírem mais poder, acabam impondo e moldando as decisões sobre o corpo feminino de uma forma em que as mulheres perdem o seu direito de tomada de decisão e de controle sobre o seu próprio corpo.

Com base nas relações de poder, o corpo da mulher virou um objeto de posse dos homens e do Estado, desumanizando sua figura e tirando o seu protagonismo sobre seu próprio corpo. Um dos maiores períodos na história que reforçam o argumento de que o capitalismo impactou diretamente no corpo da mulher e as relações sexuais na sociedade, é a “caça às bruxas”, que ocorreu em meados do século XVI. A grande caça às bruxas, para Federici (2017), fez com que as mulheres sofressem uma grande degradação social, como um meio de manter os homens no comando tanto dos corpos femininos, quanto das suas condições financeiras, deixando-as dependentes completamente deles, e sobre vigilância na maior parte do tempo. A caça às bruxas foi também um meio de demonizar as mulheres, de domesticá-las e de mantê-las completamente sobre o controle do Estado e de todos os homens ao seu redor; foi uma guerra contra as mulheres, que resultou em milhares de mortes, das maneiras mais cruéis e desumanas possíveis, na Europa e ao redor do mundo.

Durante a segunda onda da teoria feminista, o corpo da mulher tomou um novo significado, ele virou um símbolo de luta e de resistência à sociedade patriarcal e machista. Porém, apesar das lutas pelos direitos das mulheres, durante muitos anos na

América Latina, com a divisão do trabalho sendo uma divisão feita com base no gênero sexual, o Brasil e o Equador possuíam características semelhantes às da Europa, em que os homens eram considerados superiores, inteligentes e com o poder de ter diferentes tipos de cargos no mercado de trabalho; enquanto as mulheres tinham que ficar em casa e tomar conta das tarefas domésticas e de seus filhos, se tornando dependente financeiramente de seus maridos. Em ambos os países, as mulheres tinham que sacrificar o seu bem-estar, sua renda e sua liberdade em prol de sua família. Contudo, mesmo que na atualidade as mulheres possuam empregos assalariados, muitas ainda têm que enfrentar uma dupla jornada de trabalho, tendo que administrar o seu emprego com as tarefas domésticas, por ainda estarem inseridas em um ambiente patriarcal, em que todas as tarefas de cuidados com a casa pertencem a elas.

Por conta da estrutura patriarcal enraizada, no Brasil e no Equador, diariamente as mulheres ainda são perseguidas, abusadas, estupradas e violentadas de diferentes maneiras. O Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública do Ministério da Justiça e Segurança Pública (Sinesp) realizou uma pesquisa que indica que de 2020 a 2023, o Brasil teve um aumento de 320 casos de feminicídio ao longo dos anos, além do aumento significativo de casos de estupro registrados, de 55.416 casos em 2020, para 80.757 em 2023, com um aumento de 25.341 casos. Já no Equador, foi realizada uma pesquisa pelo Instituto Nacional de Estatística e Censos do Equador (INEC), indicando que 65 de cada 100 mulheres já sofreram algum tipo de violência ao longo de sua vida. Diante do exposto, fica evidente o quanto a violência contra a mulher está presente e faz parte do cotidiano de ambos os países. Com isso, é perceptível o quanto o patriarcado enraizado influencia o cotidiano de ambos os países, em que os homens são colocados na posição de detentores do poder e da razão, tomando posse do corpo da mulher e de seus direitos sobre ele, tratando-as como um mero objeto, tirando sua humanidade, mesmo pensamento criado e propagado durante o século XVI, que reverbera na estrutura atual. Dessa forma, assim como exposto por Barcelos (2024): “Todas as formas de violência contra a mulher na América Latina são reverberações da estrutura patriarcal que nos rege e que opera inequivocamente para a manutenção do poder masculino heterossexual” (p. 55).

3 A REPRESENTAÇÃO DO CORPO DA MULHER E A VIOLÊNCIA SEXUAL E PSICOLÓGICA NA LITERATURA

A escrita sobre o corpo da mulher é um tema importante a ser debatido dentro da área da literatura latino-americana. A figura da mulher é frequentemente censurada e retratada na perspectiva do olhar do homem na literatura. Porém, na literatura contemporânea, vemos uma mudança nas personagens femininas, em que há uma escrita de denúncia e de representação da realidade muito maior do que anteriormente.

No livro *Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*, de Karl Erik Schøllhammer (2013), consegue-se observar a importância de trazer a temática da violência para a literatura e para outras artes. O autor argumenta que a violência encontrou o seu espaço nos meios de comunicação. Na literatura brasileira, por exemplo, “a violência também ganha uma posição privilegiada e algumas das obras clássicas mais significativas trabalham com ela nessa fronteira indiscernível entre fatos ocorridos e sua compreensão pela ficção narrativa” (Schollhammer, 2013, p. 103).

Como se sabe, a literatura irá misturar elementos da ficção e da realidade. Então, Schøllhammer argumenta que, por meio dessas narrativas que criam um espaço de denúncia, a literatura terá o seu papel comunicativo e a sua força. O seu papel comunicativo é uma forma de expressar aquilo que sempre esteve censurado de alguma maneira, quebrar as barreiras sobre uma temática que antes não era debatida. Quebrar o silêncio, expressar as sensações e emoções vividas por centenas de mulheres, é uma forma “não de divulgar a violência, mas de verbalizá-la e de reverbilizá-la” (Schollhammer, 2013, p. 129).

Junto com o papel comunicativo, teremos o que Schøllhammer chama de “pedagogia do choque”. Com isso, há uma quebra de expectativas do leitor, um desconforto ao ler o detalhamento de cada cena, o enjoo, a angústia, a empatia, a indignação e o choque diante de cenas descritivas e brutalmente violentas, levando o leitor a refletir sobre como aquelas ações fazem parte do seu mundo e afetam milhares de pessoas ao seu redor, saindo do plano literário e indo para o mundo real.

Por meio da literatura, além de na contemporaneidade termos mais autores falando sobre os corpos das mulheres de uma outra ótica e expondo o sofrimento da mulher latino-americana em seu cenário de extrema violência, é notório que cada vez a

exposição da violência sexual e psicológica por meio das personagens principais nas narrativas.

No Brasil e no Equador, esses dois tipos de violência estão presentes e são naturalizados frequentemente. Em 2019, Dubravka Šimonović, especialista de Direitos humanos nas Nações Unidas, fez uma visita ao Equador e constatou que o país deveria implementar novas leis e tomar novas ações para o combate à violência contra a mulher. A especialista observou que o país tinha uma das maiores taxas de gravidez na adolescência, sendo uma grande porcentagem por meio de estupros e incestos. Ela afirma que algumas condições estavam impossibilitando a criação de novas leis para a proteção das mulheres, como: a criminalização do aborto em casos de estupro, incesto ou gravidez inviável, os cortes orçamentários, e a definição de estupro no código criminal que qualifica o estupro como uso da força e não como um crime sexual que ocorre pela falta de consentimento da vítima. Em 2022, a Assembleia Nacional do Equador aprovou os regulamentos que permitem que mulheres e jovens possam realizar o aborto em caso de estupro. Porém, mesmo que a Assembleia tenha aprovado o regulamento, tiveram 75 votos a favor, 41 contra e 14 abstenções, o que indica que mesmo com o país enfrentando tanta violência e as mulheres sofrendo uma situação precária e violenta a todo momento, boa parte das pessoas que possuem o poder de voto no país ainda não veem a situação como um alerta de risco para a população feminina, inclusive o presidente do país, que vetou a lei de aborto em caso de estupro.

Isto posto, nas obras que serão analisadas, as violências sexual e psicológica são dois elementos que se fazem presentes e traçam as ações, pensamentos e mecanismos de defesa das personagens. Porém, para melhor compreensão acerca do assunto, é necessário entender primeiramente a definição de violência. Com a definição do termo "violência", é possível notar uma "subjetividade [...] ou até uma permissividade, já que, dependendo da norma estabelecida, determinada violência é aceita ou não [...]" (Faqueri, 2024, p.7), uma vez que o conceito de violência varia através de cada norma social pré-estabelecida de cada região e cultura. Então, para esse estudo, serão consideradas duas definições trazidas da lei ordinária brasileira, Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, capítulo II, aprovada pelo Congresso Nacional Brasileiro.

Dessa forma, entende-se a Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, capítulo II, da seguinte forma: a violência psicológica como todas as ações cometidas para causar

qualquer tipo de dano emocional, desrespeitando o direito do indivíduo de tomar as suas próprias escolhas, por conta do prejuízo à sua saúde mental e a impossibilidade física de sair de seu estado atual; já a violência sexual, como uma ação que impede o indivíduo de exercer a sua sexualidade como deseja, sendo coagido a manter relações sexuais sem o seu consentimento, por meio de manipulação e coação. Com base no exposto, nas próximas seções deste artigo, serão analisadas as obras por meio da definição desses dois tipos de violência.

4 “LEILÃO”: AS VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER NA LITERATURA EQUATORIANA CONTEMPORÂNEA

“Leilão” é um dos contos da coletânea *Rinha de Galos*, da escritora equatoriana María Fernanda Ampuero, publicado em 2021. A narrativa é contada por meio da ótica da narradora-personagem, que não tem seu nome identificado. A linha do tempo em que cada fato acontece não é delimitada, mas há a recapitulação das memórias de infância da protagonista, que apresenta uma descrição do seu ciclo social e dos diferentes abusos que sofria desde pequena; e a narração do seu presente já como adulta, que fornece uma sequência de acontecimentos que ocorrem com a personagem ao ser raptada, e como os abusos que ela sofreu durante a infância a fizeram criar determinados tipos de mecanismos de defesa contra situações semelhantes a de seus traumas.

No primeiro momento da história, o leitor é inserido no ambiente em que a narradora cresceu. Como o seu pai era criador de galos de briga, ela passou a sua infância inteira em um ambiente cercado por diferentes figuras masculinas que propagavam comportamentos violentos, e faziam com que a narradora, mesmo na infância, sofresse diferentes tipos de agressão. A primeira delas é a violência psicológica. Isso fica evidente no seguinte trecho “[...] Das primeiras vezes, eu chorava ao ver o galinho desnorteado na arena, e ele ria e me chamava de *mulherzinha*” (Ampuero, 2021, p. 9).

Era dessa forma que o pai se referia a ela, desde criança, ensinando-a a não chorar diante das tripas e restos dos galos mortos, chamando-a de *mulherzinha*. Esse termo é carregado de um enorme significado. O sufixo “inha” é utilizado na língua portuguesa para acompanhar o radical e dar uma ideia de algo pequeno, nesse caso, o sufixo irá

acompanhar o radical “mulher”, e isso vai gerar um valor pejorativo para a palavra, gerando uma ideia de superioridade e atrelando a imagem da mulher como “um corpo frágil é algo comum em uma sociedade machista que apresenta a figura masculina como a detentora da virilidade e da força” (Faqueri, 2024, p. 234). Desse modo, o uso pejorativo da palavra é um dos fatores que contribuem para a violência psicológica da personagem, pois a diminuição inferioriza os seus sentimentos e constrói um ambiente de constrangimento.

Além da violência psicológica cometida pelo pai da menina, ela ainda revela que sofria violência sexual e pedofilia por meio dos amigos de seu pai, outros criadores de galos. Desse modo, esses homens lhe ofereciam balas e moedas para que ela deixasse que eles a tocasse e beijasse, ou virce e versa, e no meio desse cenário, ela ressalta “[...] Eu tinha medo de que, se dissesse isso ao meu pai, ele voltasse a me chamar de mulherzinha” (Ampuero, 2021, p. 9).

De acordo com Santos e Mesquita (2019), a violência sexual infantil é marcada por uma exposição sexual inadequada à faixa etária, por meio de pessoas maduras ou juvenis que utilizam da força corporal e da chantagem para ter acesso ao corpo das crianças, que ficam em uma situação de vulnerabilidade e impotência, muitas vezes por não terem conhecimento sobre o crime que está sendo cometido, ou até mesmo, por não terem uma rede de apoio para pedir ajuda e sair da situação, que é o caso da protagonista. Desse modo, “a rotinização da violência sexual é reforçada pelo silêncio” (Gomes, 2013, p. 7), se tornando algo que fazia parte de seu cotidiano, sem ter a quem relatar e pedir ajuda, e gerando um ciclo de sempre sofrer a violência sexual por ficar calada, e ficar calada por ter sofrido a violência sexual.

Além de ser obrigada a frequentar as rinhas com o pai, a personagem também tinha que limpar os restos dos animais, e isso fez com que ela percebesse um fato importante que a protegeria dos homens daquele ambiente, o nojo que eles sentiam ao ver os galos destruídos, “Assim, eu passava essa mistura nas mãos, nos joelhos e no rosto, e eles pararam de me importunar com beijos e outras idiotices” (Ampuero, 2021, p. 9), Com isso, a personagem viu uma chance de se salvar e se tirar sozinha das situações de abuso sexual.

Diante dos apontamentos feitos nos estudos de Benítez, Gadelha e Rangel (2021) “O nojo sempre se relaciona com algo que é da ordem do orgânico, da deterioração da

matéria orgânica, sua putrefação, viscosidade, etc” (Benítez; Gadelha; Rangel, 2021, p. 14), então ao se deparar com a cena da menina com sangue dos animais e os seus restos mortais, foi despertado o sentimento de nojo, gerando uma “[...] reação corporal de desprezo e afastamento” (Benítez; Gadelha; Rangel, 2021, p. 14). Dessa maneira, a personagem conseguiu se manter longe dos abusos daqueles homens.

Nesse momento da narrativa, há a troca do termo *mulherzinha*, para o termo *monstro*, ao se referir a menina. Enquanto mais uma vez diminuía a garota verbalmente, diferentemente do outro adjetivo que a deram, agora ela não era vista só como inferior, era vista como um ser disforme, um monstro. De acordo com Izabel Fontes “o corpo monstro configura-se também como um espaço de sobrevivência em um mundo de violência social e de gênero, ele transforma-se em um espaço de enunciação política” (Fontes, 2018, p. 257). Para fugir daquela situação, a menina ainda colocava em risco a sua própria saúde, enfiando cabeças de galos entre as pernas, sendo uma forma de resistência feminina que a personagem utilizava para se proteger.

Ao retornar ao presente da personagem, de joelhos e com a cabeça coberta por um pano, durante o leilão, ela reconhece que não está sozinha, há mais pessoas que provavelmente estão na mesma situação que ela, além de um homem que está falando. Alguns minutos depois, é anunciado o início do leilão, e informadas as regras, sendo a primeira delas “quem dá mais dinheiro leva a melhor mercadoria” (Ampuero, 2021, p. 12), destaque em especial a palavra utilizada, “mercadoria”, que remete a ideia de produto ou objeto, o que leva a objetificação daquelas seis pessoas, sequestradas que estavam sendo leiloadas, tirando caráter de humanidade dos personagens.

O primeiro a ser leiloadado é um homem chamado Ricardo, e ele é vendido por conta de seu dinheiro e seus itens de marca, por cinco mil reais, um número alto comparado ao valor que a próxima a ser leiloadada é vendida. Nancy é a segunda, e a diferença com a qual ela é anunciada é gritante. Logo de início a garota é tocada pelo apresentador, e a protagonista apresenta a descrição das palavras utilizadas por ele e os seus gestos ao tocá-la, e ela ainda utiliza uma frase importante de ser destacada e refletida “o que o impede de tocá-la” (Ampuero, 2021, p. 14). Enquanto a imagem de Ricardo é atrelada ao dinheiro, a imagem de Nancy é atrelada ao sexo e ao que seu corpo pode oferecer-lhes. Em seguida, é descrita uma das cenas que podem despertar mais revolta e angústia no leitor.

Escutamos que abre seu cinto e os botões e que arranca sua roupa íntima, embora ela diga por favor tantas vezes e com tanto medo que todos encharcamos nossos trapos imundos com lágrimas. Olhem esse cuzinho. Ai, que coisinha. O gordo chupa Nancy, o ânus de Nancy. Escutam-se lambidelas. Os homens ataçam, rugem, aplaudem. Depois, o investir de carne contra carne. E os urros. Os urros.
— Cavalheiros, não faço isso por depravação. É controle de qualidade. Dou um dez pra ela. É só dar um trato nela e nossa amiguinha Nancy fica uma delícia (Ampuero, 2021, p. 14).

Nancy implora para que não seja tocada, para que ele não tire a sua roupa, mas ele faz mesmo assim, afinal, o que o impede? O apresentador abusa sexualmente de Nancy, enquanto a plateia urra ao presenciar a cena. Ele ainda coloca esse ato como *controle de qualidade*, não *depravação*, reforçando mais uma vez a representação daquela pessoa como apenas uma mercadoria, e não uma mulher de fato. Enquanto Ricardo foi vendido por cinco mil reais, e o homem posterior foi vendido por vinte mil, Nancy foi vendida por três mil e quinhentos, sendo considerada mais barata, sem tanto valor quanto os homens com dinheiro vendidos. “O sexo é mais barato que o dinheiro” (Ampuero, 2021, p. 14). Assim como aponta Federici (2017), em seus estudos sobre o corpo da mulher durante a caça às bruxas, em que esses corpos foram usados como um meio de reprodução, ou seja, um produto que servia para alimentar o capitalismo. No contexto da obra, o corpo da mulher também é usado como uma mercadoria, tanto para suprir o sistema capitalista, quanto para satisfazer os desejos do homem.

Quando chega a vez da protagonista, ela adapta o seu mecanismo de defesa para aquela situação, enquanto na infância ela utilizava o líquido dos restos dos galos em todo o seu corpo, a sua versão adulta em meio a um leilão, fecha os seus olhos e abre os esfíncteres, urinando e defecando por todo aquele chão, encharcando as pernas e se esfregando com todo aquele resíduo que saiu de dentro dela. Ela começa a gritar, balançar a cabeça, até que o apresentador, horrorizado com aquela situação, dá um tapa em sua boca, dividindo sua língua no meio. Mais uma vez, a autora conduz o leitor a uma cena de horror, nojo e monstruosidade, causando um impacto diante daquele cenário, pois a “[...] a monstruosidade deixa a descoberto a essência do ser” (Albornoz, 2012, p.104).

Diante daquela cena, o homem tenta de tudo para vender a menina, mas ninguém faz nenhuma oferta. Ao notar que o corpo da menina e sua sexualidade não estavam

sendo atrativos o suficiente para alguém fazer o lance, ele começa a utilizar a mesma tática que utilizava com os homens vendidos, ele oferece seus objetos, como o relógio, celular, mas nada tinha valor o suficiente para comprar um *monstro*. Mesmo tentando tocar nos seios dela, não é o bastante. Isso retoma o sentimento de nojo que os homens sentiam ao vê-la com os restos dos galos em seu corpo durante a infância, e se liga diretamente com a ideia do corpo-monstro, já que ambos se relacionam com as diversas formas de discriminação e exclusão social, além de se tornarem “[...] o signo do excesso necessário para a desumanização do outro, sua desfiguração corporal e nos crimes contra as mulheres e genocídios que caracterizam a guerra suja” (Benítez; Gadelha; Rangel, 2021, p. 16). Dessa forma, ela caracterizou o seu corpo com tudo que os distanciavam, se desumanizando, e fazendo com que eles também sentissem nojo do seu corpo-monstro, assim como sentiam dos galos.

A escrita descritiva das cenas de abuso faz com que o leitor se sinta dentro daquele cenário, e, nessa obra, Ampuero cria essa atmosfera que mistura o horror da violência junto com a dominação masculina. Além disso, ela traça um caminho para personagem parecido com o que Gomes (2013), descreve que Clarice Lispector utilizou na obra “A língua do P”, da coletânea *A via crucis do corpo* (1974): “Diante do imprevisível desejo de domínio e exploração do corpo feminino por meio do sexo e da violência, Lispector constrói uma personagem que resolve se vulgarizar para escapar das garras de seus agressores” (Gomes, 2013, p. 7), mas a personagem de Ampuero, invés de se *vulgarizar*, utiliza ao seu favor o horror e a animalização para escapar de seus agressores.

5 DIAS PERFEITOS: AS VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Diferente do conto “Leilão”, *Dias perfeitos* (2014), é um romance narrado pela perspectiva do agressor, Téo. Ele é um estudante de medicina, descrito como alguém que não tem muitas interações sociais, e que não consegue sentir muita empatia e afeto pelas pessoas ao seu redor. Logo de início, é possível observar que ele só consegue ter afeto por apenas uma pessoa, Gertrudes. A interação entre eles chama atenção por se tratar de um cadáver que ele estuda em sua faculdade. Essa aproximação entre eles faz com que o leitor note o seu apego emocional e seu desejo por possuir uma mulher que não tem

nenhum controle sobre o seu próprio corpo, pensamentos e ações, por já estar morta. Essa dominação que ele tem sob Gertrudes é a mesma que vemos posteriormente por Clarice, a vítima.

Téo e Clarice se conhecem em um churrasco de conhecidos em comum. Clarice cursa História da Arte e está escrevendo um roteiro para seu curta-metragem. Depois desse primeiro contato, Téo fica obcecado por Clarice, chegando a comparar os momentos que teriam com os seus e com Gertrudes “Esgotadas as lembranças, já conseguia antecipar diálogos, cheiros e sabores em Clarice. Os momentos com ela seriam fabulosos, comparáveis aos que havia tido com Gertrudes” (Montes, 2014, p.24).

Téo, então, começa a perseguir Clarice, e em um dos momentos que está na faculdade dela, é descrito o primeiro sentimento de ciúme do protagonista ao vê-la com a sua amiga no corredor, mesmo que os dois só tenham se visto apenas uma vez até esse momento da narrativa. Esse ciúme cresce ainda mais enquanto perseguia Clarice e sua amiga na rua, enquanto estavam bebendo, e se depara com a seguinte cena:

[...] Clarice e a amiga trocavam carícias: beijos resfolegados [...] Beijavam-se e riam, gozando o prazer das bocas sedentas. A amiga desceu a língua por Clarice, provando da pele alva e das sardas recônditas [...] A primeira reação de Téo foi fechar os olhos. Como ela podia?! Quis saltar do carro, impedir aquela violência. Ela não tinha freio? [...]” (Montes, 2014, p. 31).

Esse ciúme excessivo do personagem ocorre pelo sentimento de posse e de poder sobre a figura da mulher, que é objetificada. E a segunda razão ocorre por uma construção social que “[...] sugere a liberdade sexual para qual o homem é criado e da qual deve usufruir, em detrimento da mulher, que deve se preservar” (Garcia, 2018, p.50), então ao ver Clarice se *expondo*, com outra mulher, o personagem enxerga aquela cena como uma violência, acreditando que a amiga de Clarice estava abusando dela, por conta do álcool. Esse pensamento ocorre por conta de um viés machista e homofóbico, que acredita que mulheres lésbicas/bissexuais tem que ser punidas e corrigidas, e que, ao contrário dos homens, elas são as verdadeiras agressoras, ao seduzirem e desvirtuarem outras mulheres, e isso é expresso por meio de diferentes formas de agressão que “[...] fazem parte das regras de manutenção da ordem ou da imposição da masculinidade” (Gomes, 2016, p.37).

Ao voltar bêbada nesse dia, Clarice acaba dormindo na rua, e Téo vai ajudá-la. Ele a leva para casa, e retorna no dia seguinte para vê-la. Os dois acabam conversam e ela deixa claro sobre não querer nada com ele, além de estar indo viajar para terminar o seu roteiro. Porém, Téo não consegue aceitar, e durante a discussão, acaba ocorrendo a primeira agressão física contra Clarice, que é agredida fisicamente. A sensação de vê-la desmaiada é descrita da seguinte forma: “A paz imóvel de Clarice incitava seus nervos numa brincadeira sádica” (Montes, 2014, p.43). Esse prazer que ele sente ao ver a menina impotente diante da situação, sendo ele a pessoa que está no controle de tudo, ocorre porque “[...] apoderar-se do corpo da mulher é o que se espera de uma função viril. O ‘não’ da mulher, ou o ‘medo’ da mulher aparecerem como construtivos do desejo masculino” (1998 apud Gomes, 2016, p. 40). Com medo de que alguém visse aquela cena, ele resolve sequestrá-la.

Durante uma parte do sequestro, Clarice é mantida sob a manteve sob efeito de comprimidos, algemada e amordaçada. Dessa forma, Téo tinha total controle sob o seu corpo, sem que houvesse qualquer chance de ela conseguir escapar daquele cenário.

Diante disso, a violência psicológica sofrida pela personagem, é o que Siqueira e Rocha (2019) acreditam ser o primeiro passo para o desencadear outros tipos de violência contra a mulher. Além de ser apontado nas pesquisas de Fonseca (2006) a importância da presença dos membros familiares da vítima por perto. Entretanto, diferente da protagonista de “Leilão” que não podia contar com o seu membro familiar, mesmo estando por perto, Clarice não tinha nenhum parente que soubesse da violência que ela estava sofrendo, não tendo nenhuma rede de apoio para ajudá-la a conseguir escapar, e isso tudo a torna mais vulnerável e exposta aos diferentes tipos de agressão.

Ao longo da narrativa, Clarice tenta utilizar diversos mecanismos de defesa para convencer Téo a soltá-la e sair daquela situação de vulnerabilidade. Diante disso, é possível notar a vulnerabilidade tanto em Clarice quanto na protagonista de “Leilão”, mas de diferentes formas. Como o sequestrador de Clarice idealizava ter um relacionamento amoroso com ela e não enxergava a sua ação como violência, isso dificultava a sua fuga, uma vez que não dava para utilizar o nojo como estratégia, assim como a personagem do conto de Ampuero, tendo que se tornar mais vulnerável ainda ao se expor e fingir corresponder os seus sentimentos.

Além disso, Clarice vivia em constante ansiedade, por conta da tortura emocional realizada por Téo, que a todo momento, dizia a ela que seu namorado havia terminado o relacionamento por mensagem, sendo que na realidade, Téo utilizou o celular de Clarice para se passar por ela e terminar a relação. Porém, em uma tentativa de procurar a menina no hotel, Breno, namorado de Clarice, acaba sendo morto por Téo. Dessa forma, ao utilizar da sua força física mais uma vez, Téo realiza um homicídio contra a única rede de apoio que Clarice poderia ter para escapar do sequestro, visto que a família de Clarice pensava que ela estava apenas viajando com o seu novo namorado.

Percebendo que suas estratégias de defesa não estão funcionando, Clarice tenta usar a sua sexualidade e o sexo para atrair o garoto. Desse modo, em uma das cenas, ela sai do banho de toalha, pede para ele pedir um vinho para os dois e começa a fazer perguntas para criar um clima. Diferente da protagonista do conto de Ampuero, que utiliza o nojo como estratégia de afastamento para fugir, nesse momento do romance de Montes, Clarice utiliza a sedução, mantendo uma aproximação com o sequestrador. Dessa forma, Téo tenta resistir à sedução de Clarice, mas ela continua “[...] Clarice deixou que a toalha escorresse pelos cabelos e subiu nele, puxando-lhe a camisa do pijama pelo pescoço. Ele gemia, tremia, bufava. Encostou as mãos nos seios dela” (Montes, 2014, p.138).

Porém, Téo acaba percebendo que ela estava tentando escapar, e o plano de Clarice acaba dando errado. Ele a prende na cama com as algemas, e ela tenta chamá-lo com uma voz sensual para trazê-lo de volta, mas não funciona. Téo acaba surtando, deixando Clarice presa, e saindo para dar uma volta. Ele se sentia diferente dos outros homens, se sentia especial, tentava afirmar a sua masculinidade e sua índole, dizendo a si mesmo “[...] A maioria dos homens teria se aproveitado da situação para abusar dela. Ele se sentia digno, mas também imbecil” (Montes, 2014, p.140). A sua masculinidade falava mais alto, ao pensar que era diferente dos outros por não abusar dela, mas ao mesmo tempo, um imbecil porque qualquer homem teria aproveitado aquela situação, fazendo com que o abuso ganhe mais valor do que o respeito ao corpo do outro. Essa tentativa de reafirmar a sua masculinidade, ocorre devido à construção social sobre a masculinidade. Segundo Garcia (1998), "a masculinidade, assim como a feminilidade é construída socialmente, é histórica, mutável e relacional" (1998 apud Melo; Silva, 2022, p. 6). Dessa forma, a sociedade cria as características que compõem a masculinidade, e quando se

trata do estupro, ele “é muito mais o lugar de exercício da afirmação da identidade masculina especular, em que a subjugação do corpo da mulher reassegura sua identidade masculina e reafirma o caráter sacrificial dos corpos das mulheres” (1998 apud Gomes, 2016, p. 41).

Nesse contexto, a cultura do estupro “se trata da naturalização de atos machistas praticados cotidianamente e da responsabilização das vítimas” (Bernadino, 2017, p. 2). Além do caráter sacrificial dos corpos das mulheres no ato do estupro, ainda há a transferência de culpa para elas. Isso ocorre por conta da estrutura patriarcal, em que o homem é colocado como vítima da sedução da mulher, em que eles não conseguem controlar os seus instintos masculinos. Com isso, ao se ver em uma posição em que, até o momento, Téo não havia estuprado Clarice, ele questiona a sua masculinidade, ao se sentir superior aos outros homens da sociedade, por conseguir conter os seus instintos, e não ter cedido as suas seduções, mas ao mesmo tempo, sentia que deveria ter cometido o ato do estupro.

Ao retornar para o quarto, é narrada uma das cenas mais marcantes da obra, o estupro de Clarice. Ao entrar no quarto, ela estava dormindo, ainda algemada, mas acorda com o barulho do garoto bêbado. Então, ele puxa o seu corpo para o mais perto possível, começa a puxar o seu cabelo, e avança para cima de seu corpo. Ao tentar reagir, Téo agride Clarice, porque segundo ele era “[..] para mostrar que deveria ficar quieta. Engolir as palavras” (Montes, 2014, p.142).

Ao ver que ele iria estuprá-la, Clarice tenta recuar, mas não adianta. Téo está sob vantagem, livre, se sentindo poderoso, então ele “Montou em Clarice, arreganhou as pernas dela. Ela recuava em espasmos. A pele vermelha, os vasos dilatados. As algemas batiam na grade. Pela primeira vez, ele se sentia correspondido” (Montes, 2014, p.143).

Após o estupro, ele se sentiu correspondido por ela, mas na verdade, só estava reafirmando a sua própria masculinidade, mostrando que como figura masculina, ele “é o detentor de direitos e poderes e as mulheres são inferiores, submissas e objetos de posse” (Garcia, 2018, p. 50), provando que “O estupro não é então a doença dos pervertidos mas a doença do patriarcado” (2001 apud Garcia, 2018, p. 50). Dessa forma, após a ejaculação, Téo tira “[...] a mordaca dela e deu-lhe um beijo na boca. Abriu as algemas também” (Montes, 2014, p. 143). Nesse momento, Clarice estava solta, com possibilidade de gritar, correr, fugir dele, mas tudo que ela fez foi abaixar a cabeça e

massagear os seus punhos que estavam doloridos por conta das algemas, olhar fixamente para a porta, e depois ela “[...] Começou a chorar. Movia braços, pernas, socava o colchão” (Montes, 2014, p.143). Isso mostra o quanto estava abalada emocionalmente e fragilizada após ser estuprada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises das obras “Leilão” e *Dias Perfeitos*, foi observado que a literatura latino-americana contemporânea, representa os corpos femininos e as violências cometidas contra eles por meio da objetificação e da sexualidade. Ao longo da história o corpo da mulher aparece como um elemento de posse e apropriação masculina, mas desde a segunda onda do movimento feminista, o corpo tem se transformado em um símbolo de luta e resistência contra a violência cometida pelas figuras masculinas, e a exposição e representação desses corpos na literatura, auxiliam para a criação de um espaço de denúncia e de reflexão sobre essa temática.

De acordo com Schøllhammer (2013), a escrita acerca da violência pode ser uma forma de verbalizar e lidar simbolicamente com ela. Tanto na obra de Ampuero quanto na obra de Montes, “[...] em vez de mimetizar a articulação verbal ligada à violência, recria um discurso descritivo e quase documentário” (Schollhammer, 2013, p. 150). Em ambas as narrativas não há a mimetização da violência, mas sim a criação de cenas descritivas e detalhadas que levam os leitores a imaginarem a dor e as sensações sentidas pelas personagens.

Assim, nas duas narrativas, encontramos como maior destaque as violências sexual e psicológica contra a mulher. As duas personagens analisadas sofreram primeiramente a violência psicológica que, de acordo com Siqueira e Rocha (2019), “Entende-se que a violência psicológica pode tornar-se o primeiro passo para outros tipos de agressões, tais como: físicas ou até mesmo o feminicídio” (2019, p. 13). Então, após esse primeiro contato com a violência, outras agressões ganharam espaço nas narrativas.

Assim como apontado por Barcelos (2024), todas as violências que ocorrem contra a mulher na América Latina, acontecem por meio da estrutura patriarcal e da reafirmação da masculinidade que existe socialmente. Dessa forma, nas duas narrativas, há a representação desses elementos dentro de uma perspectiva de uma escritora

equatoriana e um escritor brasileiro, que inserem os leitores em uma cultura misógina e uma realidade violenta presente no cotidiano das mulheres latino-americanas.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Carla Victoria. O corpo e o monstro. *É ou não é? Sistemas de escrita na obra de Osvaldo Lamborghini, César Aira e Mario Bellatin*. Rio de Janeiro, 2012, 154 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. PUC-RJ, 2012, p. 97-113. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=30162&idi=1&rc=1>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

AMPUERO, Maria Fernanda. *Rinha de Galos*. Trad. FÉLIX, Silvia Massimini. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.

BARCELOS, Carolina Montebelo. Tudo posso naquele que me fortalece: religião e violência contra a mulher nas literaturas brasileira e argentina contemporâneas. In: FAQUERI, Rodrigo de Freitas (Org.). *Na literatura, as violências*. Uberlândia: O sexo da palavra, 2024.

BENÍTEZ, María Elvira Díaz; GADELHA, Kaciano; RANGEL, Everton. Nojo, humilhação e desprezo: Uma antropologia das emoções hostis e da hierarquia social. *Anuário Antropológico* 46, 2021. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/aa/8898>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

BERNARDINO, Amanda Rossito. A cultura do estupro: análise sobre o processo de normalização/naturalização da violência sexual contra a mulher. S.l.]: CEPEIN/FEMANET, [s.d.]. Disponível em: <<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqPics/1611401462P686.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2025.

BRASIL. *Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>. Acesso em: 03 abr. 2026.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. *Mapa de segurança pública 2024. Brasília, DF: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2024*. Disponível em: <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-seguranca/seguranca-publica/estatistica/download/dados-nacionais-de-seguranca-publica-mapa/mapa-de-seguranca-publica-2024.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2023.

BRASIL. Ministério das Mulheres. Ministério das Mulheres lança o Relatório Anual Socioeconômico da Mulher RASEAM 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2025/marco/ministerio-das-mulheres-lanca-o-relatorio-anual-socioeconomico-da-mulher-raseam-2025>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

FAQUERI, Rodrigo de Freitas. As facetas da violência na literatura. In: FAQUERI, Rodrigo de Freitas (Org.). *Na literatura, as violências*. Uberlândia: O sexo da palavra, 2024.

FAQUERI, Rodrigo de Freitas. Corpos à venda e outras violências contra a mulher: uma análise do conto “Leilão”, de María Fernanda Ampuero. *Scripta Uniandrade*, v. 22, n. 2 (2024), p. 33-50. Curitiba, Paraná, Brasil. Data de edição: 23 set. 2024. Disponível em: <<https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/3355>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FONTES, Izabel. O horror vem de dentro: o abjeto e o corpo político em três contos de Mariana Enriquez. *REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS*, [S. l.], v. 3, n. 20, p. 244-260, 2019. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3175>>. Acesso em: 19 maio. 2025.

FUNDACIÓN ALDEA. *Consolidado de femicidios 2024*. 2024, año mortal para mujeres y niñas en Ecuador: al menos 274 feminicidios. Disponível em: <<https://www.fundacionaldea.org/noticias-aldea/consolidadofemicidios2024>>. Acesso em: 27 out. 2023.

GARCIA, Luiz Carlos. Cultura do estupro: Machismo e as raízes da violência de gênero no Brasil. *Diké: Revista Eletrônica de Direito, Filosofia e Política do Curso de Direito da UNIPAC Itabirito*, Vol. 11, p. 49-59, 2018. Disponível em: <<https://unipac.br/wp-content/uploads/2025/10/REVISTA-DIKE-VOL.11-XVIII.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

GOMES, Carlos Magno. Literatura e performances políticas sobre a violência contra a mulher. *Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural*, Alagoinhas-BA: Laboratório de Edição Fábrica de Letras - UNEB, v. 7, n. 2, p. 107-119, 2018. DOI: 10.30620/p.i.v7i2.4498. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/4498>>. Acesso em: 18 maio. 2025.

GOMES, Carlos Magno. Marcas da violência contra a mulher na literatura. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 13, Julho 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3981>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

GOMES, Carlos Magno. Violência de gênero e a crise da masculinidade. *Revista Fórum Identidades*, Itabaiana-SE, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/5867>>. Acesso em: 18 maio. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICAS Y CENSOS DEL ECUADOR (INEC). *Violencia de género 2019: principales resultados ENVIGMU 2019*. Quito: INEC, 2019. Disponível em: <https://www.ecuadorencifras.gob.ec/documentos/web-inec/Estadisticas_Sociales/Violencia_de_genero_2019/Principales%20resultados%20ENVIGMU%202019.pdf?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em: 27 out. 2023.

LIMA-SANTOS, A. V. de S., & SANTOS, M. A. dos. (2022). *Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, 22(3), 1081–1102. <https://doi.org/10.12957/epp.2022.69802>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812022000301081>. Acesso em: 03 abr. 2026.

MONTES, Raphael. *Dias perfeitos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. Especialista da ONU pede urgência na implementação de lei que garante direitos a mulheres no Equador. 11 dez. 2019. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/84756-especialista-da-onu-pede-urg%C3%A0ncia-na-implementa%C3%A7%C3%A3o-de-lei-que-garante-direitos-mulheres-no>>. Acesso em: 18 maio 2025.

SANTOS, Alaniane Souza Freire; MESQUITA, Ana Catarina Correia. O perfil do agressor sexual infantil: uma revisão bibliográfica. *Revista educação psicologia e interfaces*, Volume 3, Número 3, p. 85-100, Maio/Agosto, 2019. Disponível em: <<https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/212/116>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

SCHOLLHAMMER Karl Erik. *Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SIQUEIRA, Camila Alves; ROCHA, Ellen Sue Soares. Violência psicológica contra a mulher: uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. *Revista Arquivos Científicos (IMMES)*, v. 2, n. 1, p. 12–23, jan. 2019. DOI: 10.5935/2595-4407/rac.immes.v2n1p12-23. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/334666527_Violencia_psicologica_contra_a_mulher_Uma_analise_bibliografica_sobre_causa_e_consequencia_desse_fenomeno>. Acesso em: 18 maio 2025.

TORRES, Maria Adriana da S. A divisão sexual do trabalho: a inserção da mulher no mundo do trabalho. *I Seminário Nacional de Trabalho e Gênero*. Sessão Temática: Industrialização, precarização e trabalho feminino. Universidade Federal de Pernambuco, 2006, p. 1-11. <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/245/o/stg2006_01.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2026.